

RESPOSTA AO JORNAL “FALANDO SÉRIO”*

*Sônia M. M. Gazeta***

Resumo

O presente artigo é uma resposta à publicação do Jornal “Falando Sério”. Traçou-se de uma publicação independente que criticava deliberações do Livro de Praxes da Organização Adventista; questionava o conceito “Casa do Tesouro”, o destino e a aplicação de dízimos e ofertas, etc. Os temas em debate são analisados pela professora Sônia sob várias perspectivas. Inicialmente, ela aborda o aspecto histórico dos pontos controvertidos, e depois o contexto em que os escritos do Espírito de Profecia os tratam. Por fim, a autora discute o sentido da Comissão Evangélica.

Abstract

The article is a response to the publication of the journal “Falando Serio” [Speaking Seriously]. It dealt with an independent publication that criticized the deliberations of the Adventist Organization Praxis Book. It questioned the concept “Treasure House,” the application of the tithes and offerings, etc. The themes debated are analyzed by the author from many perspectives. Initially she approaches the historic aspect of the controversial issues, and later the context in which the Spirit of Prophecy writings deal with them. Finally, the author discusses the meaning of the Evangelical Commission.

INTRODUÇÃO

Ontem, dia 23 de outubro, chegou-me às mãos um “jornal” cuja edição dirigia-se “exclusivamente” aos Adventistas do Sétimo Dia. No final aparece o nome de Nildes M. L. S. Araújo. Materiais como esse já recebi às dúzias durante os nove anos em que coordenei interinamente o Centro de Pesquisas Ellen G. White, sediado atualmente no Instituto Adventista de Ensino – Campus Engenheiro Coelho. De vez em quando, apareciam pessoas que diziam ter o dom de profecia, uma nova interpretação para

*O presente artigo, publicado anteriormente em jornal, teve autorização da prof. Sônia, a quem agradecemos a gentil atenção, para ser publicado na Revista Teológica.

**Sônia M. M. Gazeta é Professora do SALT e do Curso de Letras da Faculdade Adventista de Educação - Instituto Adventista de Ensino - Campus Engenheiro Coelho, SP.

determinada doutrina ou mesmo críticas à liderança da Igreja. Respondi a alguns deles e tive que investir muito de meu tempo nesse tipo de atividade desgastante, quando trabalhos muito mais nobres ficavam à espera.

Atualmente não trabalho mais no Centro Ellen G. White, mas como obreira e membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, por quem tenho tanto amor, não poderia me calar diante de tantas incoerências e acusações maldosas contidas nesse jornal que nada tem de “sério”. Se a resposta se limitasse apenas à redatora, não perderia meu tempo, pois, de fato, não valeria a pena refutar o conteúdo desse material, de tão baixo nível ele é. Mas como as sementes do mal espalham-se rapidamente, gerando dúvidas, desconforto, desunião e tantas conseqüências que perduram indefinidamente, decidi responder aos membros da Igreja, pois sei que muitos deles, infelizmente, por não estudarem a Bíblia e o Espírito de Profecia de modo harmônico e equilibrado, acabam sendo levados “por todo vento de doutrina” (Efés. 4:14). Outros, são recém-batizados e ainda não aprenderam a lidar com tensões dentro da igreja à qual se uniram recentemente. Temendo por eles, com zelo e carinho por seu bem-estar espiritual, é que respondo a esse impresso cujo conteúdo não tem fundamento.

Situações, como a que ora se apresenta, foram reveladas à mensageira do Senhor há muito tempo, ocasião em que declarou: *“Satanás espera envolver os remanescentes filhos de Deus na ruína geral que está para vir sobre a Terra. À medida que se aproxima a vinda de Cristo, mais determinado e decidido em seus esforços fica ele, a fim de que os derrotar. Surgirão homens e mulheres proclamando possuir alguma nova luz ou alguma nova revelação, e cuja tendência é abalar a fé nos marcos antigos. Suas doutrinas não resistem à prova da Palavra de Deus. Mesmo assim, almas serão enganadas”* (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, p. 103).

No ano de 1893, um membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Sr. Stanton, publicou um folheto intitulado “O Alto Clamor da Mensagem do Terceiro Anjo”. Concentrando-se em denúncias e acusações, Stanton afirmou que a Igreja havia-se tornado Babilônia.¹ Em sua resposta, Ellen G. White declara:

“Muito me entristeci ao ler o folheto publicado pelo irmão S e pelos que com ele se associam na obra que está fazendo. Sem meu consentimento, têm eles feito seleções dos Testemunhos e as inseriram no folheto que publicaram, para dar a aparência de que meus escritos apóiam e aprovam a posição que advogam. Ao tomarem desautorizadas liberdades, apresentam ao povo uma teoria que engana e destrói.”

“... Deus julgará os que tomam desautorizada liberdade fazendo uso de meios desonrosos com o fim de dar caráter e influência àquilo que eles consideram como sendo verdade.”

¹O relato mais detalhado desse episódio encontra-se nas Notas Elucidativas, no Apêndice do livro *Testemunhos para ministros* de Ellen G. White. A carta completa de refutação às acusações de Stanton encontra-se no mesmo livro p. 32-62.

“*Ver-se-á que estes que proclamam mensagens falsas não terão um alto senso de honra e integridade. Enganarão o povo, e porão de mistura com o erro os Testemunhos da Sra. White, servindo-se do seu nome para dar influência à sua obra. Escolhem dos Testemunhos certos trechos que acham que podem ser torcidos e põe-os numa moldura de falsidade, para que o seu erro tenha peso e seja aceito pelo povo*” (*Testemunhos para Ministros*, p. 32,33,34).

E ainda:

“*Não devemos receber as palavras dos que vêm com uma mensagem em contradição com os pontos especiais de nossa fé. Eles reúnem uma porção de passagens, e amontoam-na em torno de teorias que afirmam*” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, 161).

A pessoa que escreveu o referido jornal parece desconhecer os princípios básicos do jornalismo. O primeiro deles é fazer distinção entre **fato** e **opinião**. O **fato** é um acontecimento real, requer observação objetiva, e seu relato não deve sofrer a interferência da emotividade. **Opinião** já compreende um julgamento sobre alguns dados disponíveis; é, portanto, interpretativa e subjetiva.

Ao discutir o papel da imprensa, Franklin Roosevelt declarou que “os fatos devem ser apresentados como fatos e as opiniões como opiniões, cada um em sua verdadeira luz.” Porém, não é o que acontece no texto do jornal. A emotividade aflora de tal modo, que não se consegue distinguir um do outro. Sobra emoção, principalmente manifestada através do sentimento de revolta, a falta razão, pois seus argumentos não estão devidamente organizados e fundamentados, basicamente por um problema um tanto comum: interpretar ou enfatizar certos pontos de uma doutrina e desconsiderar outros igualmente importantes. Desconhece-se, portanto, as regras de hermenêutica. Distorções e desequilíbrios podem ser evitados através da hermenêutica que é “a ciência e a arte de interpretar o sentido das palavras em seu contexto.” Daí o conselho do apóstolo a Timóteo: “*Procura apresentar-te diante de Deus provado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade*” (II Tim. 2:15).

A pretensa jornalista que escreveu o jornal é pródiga em citar textos do Espírito de Profecia e da Bíblia, jogados aleatoriamente, sem um fio condutor e fora do seu contexto. Para melhor esclarecer, gostaria de mencionar algumas regras básicas, propostas por Arthur White², ex-secretário do Patrimônio Literário de Ellen G. White, T.H. Jemison³ e J. Justesen⁴. Do conjunto, selecionei as que considero mais importantes:

²Arthur White, *20 Princípios Básicos Para o Estudo e a Utilização do Espírito de Profecia* (São Paulo: Centro de Pesquisas Ellen G. White, 1988).

³T. H. Jemison, *A Prophet Among You* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1955), 438.

⁴Jerome Justesen, *Seis regras para a interpretação do Espírito de Profecia* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s. d.).

1 – Não se deve permitir que um texto da Bíblia (ou do Espírito de Profecia), anule todos os outros que tratem do mesmo assunto. Em outras palavras, devemos considerar **tudo** o que o profeta disse, antes de chegar a uma conclusão definitiva. (ver *Mensagens Escolhidas*, v.1 e Isa. 28:10).

2 – Os versos da Bíblia (ou textos do Espírito de Profecia) devem ser estudados e mantidos em seu contexto. Se a declaração parece inconsistente, e não se harmoniza com as outras declarações relacionadas, estude o contexto – interno e externo – e procure resolver a aparente discrepância.

3 – Estude o Espírito de Profecia para buscar orientações e não para provar conclusões pessoais.

4 – Confirme a fonte exata de cada texto antes de usá-lo.

5 – Uma vez confirmada a fonte, analise o contexto histórico.

6 – O Espírito de Profecia não deve ser usado como chicote ou vara para atacar os outros.

7 – Os *Testemunhos* não foram dados para substituir a fé, o esforço pessoal e o estudo da Bíblia.

8 – As mensagens do Espírito de Profecia são primeiramente para mim, e para minha edificação, e não para acusar ou criticar.

9 – As orientações e conselhos do Espírito de Profecia devem ser lidos nos livros de Ellen G. White e **não em folhas impressas, não autorizadas ou em compilações publicadas particularmente.**

Quando tais princípios forem seguidos, as declarações das Escrituras e do Espírito de Profecia se harmonizarão. Se as regras de interpretação forem seguidas, não haverá lugar para certas afirmações e posições descuidadas e sem fundamento em relação aos escritos inspirados.

Acusações sem Fundamento

A primeira acusação infundada que se encontra no tal jornal caracteriza o Livro de Praxes da Organização Adventista como algo proibido, imoral e indecente. Não sei de onde esta senhora tirou tal idéia. Sou obreira há 18 anos e sempre que eu quis consultar as praxes, tive acesso a elas sem nenhum constrangimento. Inclusive no Centro de Pesquisas Ellen G. White há dois exemplares à disposição de quem quiser usá-los.

Historicamente, desde 1863, ano em que a Associação Geral foi organizada formalmente, houve necessidade de se estabelecer uma constituição “para evitar a desordem, controlar o fanatismo, credenciar os ministros, manter as propriedades e apoiar a obra.”⁵ É o documento básico da Igreja Adventista para orientar a administração em questões gerais, principalmente para ajudar a alcançar seu alvo principal que é “ensinar os

⁵SDA Encyclopedia, 2nd. rev. ed. “General Conference Constitution and Bylaws”, 586.

mandamentos de Deus e o Evangelho eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo a todas as nações” (Artigo II).

Em 1901, como o processo de reorganização da estrutura eclesiástica, uma nova constituição foi adotada e revisada em 1903. No dia 21 de maio de 1913, meio século depois da organização formal da igreja, organizaram-se as Divisões. Em 1918, devido às dificuldades causadas pela I Guerra Mundial e para manter a unidade estrutural da Igreja, as Divisões foram abolidas, voltando aos níveis administrativos iniciais: igreja local, associações-uniões ou associações-missões e Associação Geral. Em 1922, o modelo atual de organização divisional foi inscrito na constituição da Associação Geral.⁶ A constituição pode sofrer emendas em qualquer Sessão da Associação Geral, se houver necessidade de ajustes e adaptações, à medida que a Obra se desenvolve. Portanto, as emendas são propostas em assembléia mundial. As leis não são simplesmente criadas para beneficiar os “maiorais”, mas para beneficiar a Igreja como um todo. Imagine só a Igreja Adventista como uma organização mundial sem uma constituição para dirigi-la. Com certeza, seria o caos.

O segundo ponto de acusação, que se tem tornado “um modismo” nos últimos tempos, é a discussão em torno da expressão “casa do tesouro”. Robert Kloosterhuis, vice-presidente da Associação Geral, em seu artigo “Onde é a Casa do Tesouro?”, publicado na revista *Ministry*, ago., 1997, p 14-17, analisa bíblicamente a questão, começando com a mais antiga referência sobre a devolução do dízimo em Gênesis 14:20, ocasião em que Abraão devolveu o dízimo ao sumo sacerdote Melquisedeque, considerando-o como depositário ou a própria “casa do tesouro”. O Pr. Moisés Mattos⁷, tratando do mesmo assunto, afirma que o ato de Abraão ao devolver o dízimo a Melquisedeque, rei e sacerdote, tem um significado especial, pois alguém havia sido separado por Deus para receber esses bens sagrados.

Por ocasião do Êxodo, antes da travessia do Rio Jordão, os israelitas receberam instrução para devolver os dízimos (Lev. 27:30,32) com a finalidade de prover os levitas com o sustento necessário devido ao trabalho que exerciam no tabernáculo (Núm. 18:21).

Diferente das ofertas, o dízimo pertencia a Deus (Núm. 18:26), daí a expressão “vós me roubais” (Mal 3:8). Deus destinou o dízimo aos levitas, porque eles não receberam um território ou propriedades específicas como as outras tribos; antes, passaram a morar em cidades especialmente designadas para eles (Núm. 35:6). Mais tarde, o tabernáculo foi armado em lugares específicos como Gilgal, Siquém, Siló, Nobe e Gibeom e todos os homens de Israel eram convocados para adorar nesses lugares, pelo menos em três festas anuais (Êxo. 23:17) e eram instruídos a trazer ofertas consigo.

⁶*Ibid.*, “Organization and Development in SDA Church”, 268, 269.

⁷Moisés Mattos, *O que significa “Casa do Tesouro”* (manuscrito não publicado), Federação Sul-Rio-Grandense da IASD, 1º jul. 1999.

Os que defendem a posição de que a “casa do tesouro” é a igreja local podem citar Deut. 14:22-29, porém Ellen White, no livro *Patriarcas e Profetas*, p. 530, refere-se a essa passagem como ao “segundo dízimo”, considerando que assim como havia muitos sábados cerimoniais e apenas um único Sábado santificado semanalmente, assim também havia outros dízimos junto com o dízimo sagrado (usado apenas para o sustento dos levitas).⁸

Davi trouxe a arca sagrada para Jerusalém (II Sam. 6), já no início do período da monarquia e, posteriormente, Salomão construiu um belo templo que se tornou o ponto de recepção dos dízimos e ofertas. O templo possuía várias salas utilizadas para diversos fins e uma delas destinava-se à tesouraria ou ao local de recepção dos dízimos que eram devolvidos não apenas em valores monetários, mas também em produtos da terra. Por fim, no período pós-cativeiro, os dízimos eram recebidos na tesouraria do Templo de Jerusalém.

Percebe-se que em toda essa trajetória histórica considerada por Kloosterhuis, a tendência, segundo a ordem divina, era ter um local designado para trazer os dízimos e as ofertas e até o tempo de Cristo, esse local era o Templo de Jerusalém, sede religiosa do povo de Israel. Porém, o Pr. Mattos considera que a questão “não é o local ou espaço físico para a devolução do dízimo que importa pois todos sabemos onde levá-lo. A grande pergunta é: Quem deve administrar o dinheiro?”⁹

Desde a eleição do povo hebreu, na pessoa de seu patriarca, Abraão, orientações divinas foram dadas para a administração e distribuição do dízimo. Os recursos sagrados, devolvidos a Deus, tinham o objetivo de sustentar o ministério como um todo. Não há relato de que alguns sacerdotes tomavam o dízimo para si separadamente, mas havia uma distribuição equilibrada entre eles.

No Novo Testamento, quando a igreja cristã dava seus primeiros passos, o apóstolo Paulo demonstrou uma preocupação especial pelos crentes pobres de Jerusalém e passou a recolher fundos de outras congregações para ajudá-los. Nota-se que o administrador do dinheiro arrecadado era Paulo, responsável por gerenciar e distribuir a coleta entre os necessitados.

O que é Igreja?

Gostaria de discutir agora, um conceito muito importante apresentado de modo equivocadamente no jornal “Falando Sério”: como a Bíblia define “Igreja” e qual é o conceito apresentado pela redatora e que implicações tal definição pode trazer em termos de cumprimento da missão evangélica.

O jornal defende a idéia de que “casa do tesouro” é a igreja local e, portanto, os dízimos não só devem ser devolvidos, como retidos para uso da congregação. De

⁸Robert J. Kloosterhuis, “Where is the Storehouse”, *Ministry*, August, 1997, 14.

⁹Mattos, 2.

acordo com a Bíblia, a Igreja é o corpo de Cristo (I Cor. 12:12-27), é uma unidade orgânica, em que cada membro tem a responsabilidade de cooperar para não “haver divisão” (v. 25).

Desde a sua origem, “a Igreja no Novo Testamento tem sido vista como uma organização missionária com duas estruturas perfeitamente distintas, ambas dedicadas a cumprir a missão a ela designada: 1) a congregação local, encarregada de cuidar dos seus membros e 2) a equipe evangelizadora, integrada por missionários itinerantes dedicados a levar o Evangelho a todos os lugares.”¹⁰

Desse modo, ambas as estruturas, trabalhando em harmonia, contribuíam para o crescimento e avanço da comissão evangélica. Além do exemplo do cuidado de Paulo pelos cristãos pobres da Judéia (I Cor. 16:1-3), o Novo Testamento dá evidências de que a Igreja, no Concílio de Jerusalém, o primeiro a ser realizado, buscava organizar-se como uma corporação e as decisões foram tomadas por líderes, apóstolos e anciãos, através de um sistema representativo (At 15:6). Em nenhum lugar na Bíblia ou nos escritos de Ellen G. White aparece a idéia de que Igreja é um amontoado de congregações cada uma para si. Se assim fosse, a idéia de corpo se perderia e a estrutura missionária mundial correria o risco de desaparecer. Ellen White declara: “*Deus tem na Terra uma igreja que é Seu povo escolhido, que guarda os Seus mandamentos. Ele está guiando, não ramificações transviadas, não um aqui e outro ali, mas um povo.*” (*Testemunhos para Ministros*, pág. 61).

Voltando à questão da “casa do tesouro”, de 26 a 29 de abril de 1861, em uma reunião de líderes em Battle Creek, foi votado que nove pastores presentes escrevessem um artigo sobre a organização da igreja. O resultado foi o documento intitulado “Organização”, publicado na *Review and Herald*, em 11 de junho 1861. De acordo com o documento, seria atribuição da igreja local nomear anciãos e diáconos. Em nível estadual, a Associação autorizaria o credenciamento dos pastores, pagaria seus salários, cuidaria da documentação das propriedades da igreja e *receberia os dízimos*.¹¹

Para Ellen G. White, a expressão “casa do tesouro” nunca foi um problema. Em certa ocasião, ela declarou: “*Se nossas igrejas assumirem sua posição ao lado da palavra do Senhor e forem fiéis na devolução dos dízimos ao Seu tesouro, mais trabalhadores serão incentivados a assumir a obra*” (*Testimonies for the Church*, vol. 9, p. 249). O contexto sugere claramente que “tesouro” é a Associação local.¹²

Se as igrejas locais retivessem os dízimos, como resultado teríamos muitas consequências negativas. Em primeiro lugar, o sistema financeiro que sempre contribuiu para impulsionar o programa missionário mundial pararia de funcionar. Em segundo lugar, a igreja local teria que responder legalmente por questões trabalhistas que envolvem

¹⁰J. Viera, *Uma perspectiva da missão da igreja no contexto latino-americano* (Brasília, DF: SALT, 1990), 53.

¹¹Kloosterhuis, 16.

¹²Ibid.

a contratação de pastores e obreiros; assim, as congregações teriam que se transformar em entidades legais, o que só aumentaria a burocracia. Terceiro, não haveria nenhum órgão para supervisionar o ministério, distribuir a verba e apoiar empreendimentos evangelísticos. Quarto, a idéia de corpo harmônico daria lugar a uma estrutura fragmentada, desunida e separatista. Quinto, as congregações de maiores recursos conseguiriam sobreviver e o que seria das mais pobres? Sem uma liderança geral, será que as congregações mais pobres seriam, de fato, ajudadas como sugere o jornal? Paulo pensou nos pobres da igreja e cuidou deles, mas sem nenhuma orientação e supervisão, as congregações mais fortes financeiramente se disporia a ajudar as mais fracas? Portanto, essa idéia congregacionalista de que cada igreja deve reter e administrar seus próprios díizimos causaria uma tremenda fratura na estrutura financeira que tanto progresso trouxe ao Movimento Adventista por mais de 150 anos.

Se alguns consideram que a estrutura hierárquica da Igreja tornou-se muito pesada e difícil de gerir e que a máquina administrativa precisa sofrer ajustes, a seu tempo Deus orientará Seus líderes para que isso ocorra, a exemplo do que aconteceu em 1901, ocasião em que a Igreja foi reorganizada. Desde o seu estabelecimento, o sistema adotado pela IASD é representativo. Isso significa que a igreja local tem voz e voto através de representantes escolhidos por sua própria congregação.

Na página 2, primeiro parágrafo, do jornal em questão, a redatora diz que “o interesse dos líderes é manter a mente do povo apenas para a fidelidade financeira e que de cada 100 sermões, 95 falam de orçamentos e dinheiro”. Desconheço qualquer pesquisa, estimativa ou estatística oficial da Igreja que comprove tal absurdo. Esse tipo de afirmação não tem nenhuma base ou fundamento, é simplesmente uma expressão exageradamente emocional. Se dados são citados, devem ser devidamente comprovados através das fontes confiáveis e oficiais. Como “técnica em jornalismo”, a redatora deveria saber disso.

O que é a Comissão Evangélica?

Outro conselho que parece não ser compreendido pela “jornalista” é o que diz respeito à missão da Igreja. Ela critica as Praxes por destinarem certa porcentagem da verba às escolas. Por acaso não são as escolas que formam pastores e missionários para servir à Igreja? Nos tempos do Antigo Testamento, não foram estabelecidas as Escolas dos Profetas? Não são as escolas agências missionárias “para restaurar no homem a imagem do seu Criador?”, no dizer de Ellen G. White? As escolas não fazem evangelismo também? Por que a praxe é imoral? Será que a autora sabe o que significa “imoral”?

Observe como Ellen White se refere à obra educativa quando a Igreja ainda estava em processo de organização:

“Como o desenvolvimento da obra nos impelisse a novos empreendimentos, dispusemos a começá-los. O Senhor nos dirigiu o espírito para a importância da obra

educativa. Vimos a necessidade de escolas, para que nossos filhos pudessem receber instrução isenta dos erros da falsa filosofia, e sua educação estivesse em harmonia com os princípios da Palavra de Deus."¹³

*"Graças a Deus pelo que já tem sido feito no sentido de prover aos nossos jovens recursos para a educação religiosa e intelectual. Muitos têm sido instruídos para desempenhar uma parte nos vários ramos da obra."*¹⁴

*"Há necessidade, não só de ministros para campos estrangeiros, mas de sábios, judiciosos obreiros de todas as espécies."*¹⁵

E quanto à obra de saúde? Hospitais, Clínicas e a obra médico-missionária também não devem ser ajudados? Não é isso o que diz o Espírito de Profecia: *"A necessidade de instituições de saúde fora-nos encarecida, para auxílio e instrução de nosso próprio povo, e como meio de beneficiar e esclarecer a outros. Este empreendimento também foi levado avante. Tudo isso [obra educacional e de saúde] era obra missionária da mais elevada espécie."*¹⁶

Quão pobre é a visão do Evangelho e de comissão evangélica dessa irmã! Se os Evangelhos e o Espírito de Profecia forem estudados de forma equilibrada, notar-se-á que a obra evangelística tem dimensões diferentes que visam atingir o homem física, espiritual e intelectualmente. Se uma pessoa não é alcançada na dimensão espiritual, a princípio, ela pode ser alcançada na dimensão física, através da obra de saúde, ou ainda na dimensão intelectual, através da obra educacional. Isso é estratégico e tem as marcas da sabedoria divina. Evangelizar significa ensinar (obra educacional), curar (obra de saúde) e salvar (obra espiritual). Este foi o ministério de Cristo quando esteve na Terra e é este o trabalho que Ele espera de Sua Igreja (como um corpo unido e harmônico hoje).

A "pena" dessa pessoa que escreveu o jornal parece mais uma metralhadora. Eu poderia comentar todos os itens controversos desse artigo tão mal redigidos e mal fundamentados, mas vou parar por aqui. Antes, porém, eu gostaria ainda de considerar alguns itens vitais desse discurso agressivo e ofensivo contra a liderança da Igreja:

1 – As palavras "amor" e "queridos irmãos" aparecem muitas vezes nos artigos, mas o tom de revolta e intolerância denunciam o verdadeiro espírito de quem escreve. (Seria oportuno à autora ler, com oração, 1Co 13, buscando a verdadeira compreensão do amor como princípio divino).

2 - Em seu jornal, a autora demonstra completa ausência de ética e de consideração em suas acusações aos irmãos e aos líderes da Igreja. Quando um irmão erra,

¹³Ellen G. White, *Testemunhos para ministros* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), 27.

¹⁴Ibid., 31.

¹⁵Ibid., 43.

¹⁶Ibid., 27.

seja este obreiro ou não, existe um conselho bíblico muito importante em Mateus 18:15-17. Também os seguintes textos devem ser considerados: “*Por que vês tu o argueiro no olho do teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?*” (Luc. 6:41); “*Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, **que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura, e guarda-te para que não seja também tentado***” (Gál. 6:1). E ainda este, que penso eu ser o mais preocupante: “Satanás, é o acusador dos nossos irmãos” (veja Apoc. 12:10), e a obra de acusar lhe é própria, e própria também de seus seguidores.

3 – Como é possível uma pessoa procurar saber tanto sobre a vida alheia como essa senhora? Quanto de seu tempo ela gasta em comentários negativos e maldosos? Parece que, pelo número de informações do seu jornal, não há outra ocupação em sua vida, exceto essa. Valem os conselhos: “*Não andarás como mexeriqueiro entre o povo: não atentarás contra a vida do teu próximo: Eu sou o Senhor*” (Lev. 19:16).

4 – Onde há seres humanos, há imperfeições. Durante a trajetória do povo de Deus sempre houve crises e conflitos. Mas Deus está no comando da Sua Obra, apesar dos erros e fraquezas dos seres humanos. À medida que o fim se aproxima, mais e mais vozes se levantarão para destruir a unidade da Igreja. Esta é uma das estratégias fortes de Satanás no tempo do fim, porque “uma casa dividida contra si mesma não pode subsistir” (Mar. 3:25). “*Divisões e até amargas dissensões que infelicitariam qualquer comunidade mundana, são comuns nas igrejas, porque há tão pouco esforço para controlar os sentimentos errôneos, e reprimir toda palavra de que Satanás se possa aproveitar*” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 123). Como esperamos receber o Espírito Santo, em toda a sua plenitude, através da Chuva Serôdia, se nosso tempo tão precioso é gasto em críticas e mexericos? É válido lembrar a experiência que os discípulos tiveram, quando decidiram deixar de lado suas diferenças e se unir num único propósito de buscar o poder do Espírito. Temos que agir do mesmo modo para darmos a última mensagem de advertência ao mundo. (Ver *Atos dos Apóstolos*, p. 35-56).

5 – A reforma e o reavivamento se manifestarão como um movimento silencioso no interior da Igreja. Nem todos perceberão que o poder do Espírito Santo estará a agir com grande eficácia na vida de membros, pastores, obreiros e líderes e por isso “*não há coisa que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desimpeça o caminho... de modo que o Senhor possa derramar o Seu Espírito*” (*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 124). Nossas energias devem-se concentrar no essencial que é o arrependimento de nossos pecados, o estudo da Bíblia, a oração e o testemunho. Essa é a obra essencial que temos a fazer. “*Não por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos*” (Zac. 4:6).

6 - Apenas uma última pergunta: Já que houve tantas críticas à liderança da Igreja e à administração do dízimo, por que essa pessoa preferiu gastar dinheiro com esse jornal que nada traz de edificante à Igreja a empregá-lo na obra evangelística? Não seria bem melhor se ela tivesse comprado Bíblias e livros do Espírito de Profecia e distribuído aos que não os possuem ao invés de fazer circular entre a comunidade

de crentes detrações contra a liderança e lançar sementes de dúvida e maldade na mente de muitos irmãos? Deixo como última citação de Ellen White o seguinte pensamento: “*Os que advogam o erro dirão: ‘O Senhor diz’, quando o Senhor não falou. Testificam em favor da falsidade, e não da verdade. Se... tivessem empregado o dinheiro gasto na publicação e circulação desse erro, em edificar, em vez de demolir, teriam tornado evidente serem eles o povo que Deus está guiando.*”¹⁷

Que o reavivamento que a Igreja necessita seja buscado em verdadeiro espírito de consagração e humildade, como preconiza a serva do Senhor, Ellen G. White, e não através de malévolas acusações, espírito de rancor e ódio, e críticas à Obra de Deus e à Sua liderança.

Permaneçamos firmes nos caminhos de Deus, e unidos à Sua Igreja, pois por ela Deus está realizando a grande comissão da pregação do evangelho ao mundo.

¹⁷Ibid., 43.